

## A TEORIA MIMÉTICA E A CRÍTICA À ANTROPOLOGIA PSICANALÍTICA

### MIMETIC THEORY AND CRITICISM OF PSYCHOANALYTIC ANTHROPOLOGY

Monelle da Silva Caldas<sup>1</sup>  
Wandeilson Silva de Miranda<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo destaca a violência e a teoria do sagrado de René Girard como um componente natural das sociedades humanas. Procuramos apresentar a crítica girardiana à antropologia psicanalítica de Sigmund Freud, especificamente as análises dos elementos fundadores da cultura humana que ela pretende explicar tendo em vista a teoria mimética do desejo. A análise desenvolvida observa a questão dos mitos e os interditos no processo de culturalização, ou seja, do processo fundador da cultura humana.

**Palavras-chaves:** Mitos. Interditos. Violência. Desejo mimético. Desejo objetual.

**Abstract:** This article highlights Rene Girard's violence and sacred theory as a natural component of human societies. We seek to present the Girardian critique of Sigmund Freud's psychoanalytic anthropology, specifically the analyses of the founding elements of human culture that it intends to explain in view of the mimetic theory of desire. The developed analysis observes the issue of myths and interdicts in the process of culturalization, that is, the founding process of human culture.

**Keyword:** Myths. Interdicts. Violence. Mimetic desire. Object desire.

### Introdução

Em linhas gerais, será realizada uma breve explicação sobre a estrutura da teoria mimética e os seus principais objetivos. Após esta breve explicação ficará mais nítida a importância e o lugar central dos mitos e interditos<sup>3</sup> na compreensão da estrutura base de

<sup>1</sup> Licenciada em Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pesquisadora do Grupo de Estudos NEO-BIO. E-mail: [monelly.caldas@hotmail.com](mailto:monelly.caldas@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor do curso de Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Coordenador do Grupo de Pesquisa NEO-BIO: Ontologia, Corpo e Biopolítica (CNPQ); atualmente coordenador do GT Benedictus de Spinoza (ANPOF); professor permanente do Mestrado em Filosofia do Departamento de Filosofia (PPGFil-UFMA). E-mail: [wandeilson.miranda@ufma.br](mailto:wandeilson.miranda@ufma.br)

<sup>3</sup> Girard constata que os conflitos provocados pelas mímesis de apropriação fazem surgir a questão do interdito como proibição do mimético. "Reconheçamos em primeiro lugar, que a razão de ser de certos interditos é

qualquer sociedade antiga. Estes elementos serão os fios condutores das explicações sobre a natureza das ações humanas e explicitará o significado por traz dos ritos e sacrifícios que contém os elementos subjacentes e originários das civilizações.

Para esclarecer a teoria mimética, realçaremos a interpretação de René Girard sobre o significado dos mitos, e apresentaremos a oposição desta teoria com relação à teoria do humano desenvolvida pela psicanálise. Neste trabalho será apresentado como a antropologia psicanalítica, desenvolvida por Sigmund Freud, é insuficiente, segundo Girard, para explicar os processos originários da cultura.

A análise dessa oposição conceitual se inicia a partir de duas questões que envolvem os mitos e interditos no processo de culturalização, ou seja, do processo fundador da cultura humana, constituindo o traço comum que determina a passagem da violência incontrolável no seio da comunidade para o controle das forças que disseminam e acirram as rivalidades.

### **Teoria mimética**

A teoria mimética é um sistema de pensamento desenvolvido pelo pensador francês René Girard, que se preocupou com os fundamentos originários do comportamento humano, com aquilo que poderia explicar o desenrolar da cultura e sobre todas as ações violentas sobre as quais os humanos sempre preferem conduzir as coisas e, por fim, explicar o porquê da violência contínua no cerne da existência humana. Partindo de toda a herança das grandes narrativas mitológicas deixadas, os rituais antigos, as inúmeras guerras em nome de Deus ou deuses, ciência, razão ou Estado que deixaram profundas marcas, Girard desenvolveu uma teoria que de forma ampla encontrou explicações para diversos acontecimentos fundamentais do Homem, sobretudo ao surgimento da cultura.

Partindo dos clássicos da literatura moderna, apropriando-se dela enquanto produção humana, Girard formulou a gênese ontológica do *desejo*. Elabora uma releitura das grandes obras que possibilitaram uma teoria geral do homem, bem como analisou as diferentes mitologias e tragédias gregas que o fizeram chegar a sua segunda conclusão, a do *bode expiatório*, gerador da cultura e da religião, que são baseadas na contenção da violência e a organização do sagrado.

---

manifesta. Não existe cultura que não interdição a violência no interior dos grupos de co-habitação. E com a violência efetiva, são todas as ocasiões de violência que são interditas, as rivalidades mais ardentes, por exemplo, e as formas de concorrência que, frequentemente, são toleradas e mesmo encorajadas em nossa sociedade.” (Girard, 1978, p. 19).

Girard chegou à conclusão de que a violência e o sagrado estão na origem das civilizações, ou seja, a condição do surgimento da cultura é definida pelo caráter mimético intrínseco à existência humana. A hipótese do bode expiatório permitiu chegar às origens da civilização humana pelo fato de que este mecanismo controlava a violência desencadeada pelo que ele denomina *desejo mimético*. A violência e o desejo mimético são contagiosos a ponto de se agravarem em grande proporção e, de tal forma, que pode provocar, dentro de um círculo de convivência, a rivalidade mimética. Este controle da violência instintiva, contagiosa e desenfreada, permitiu que uma determinada formação social não se desintegrasse devido aos conflitos existentes.

Neste sentido, para entender a rede conceitual produzida, nosso propósito é o de apresentar e analisar detalhadamente a importância da teoria girardiana, pois a sua contribuição para antropologia está na capacidade de indicar os aspectos de um novo paradigma antropológico no qual a relação entre cultura e natureza é reintegrada numa compreensão ética universal. Para isso, a noção etnológica e etológica da obra de René Girard demonstra as conexões mais profundas entre os aspectos culturais da existência humana e as condições biológicas de sua natureza animal.

O homem é o animal que para gerir a violência, especialmente quando a sua existência está em perigo, encontrou na *différance* (no diferir) a oportunidade de afastar-se da destruição absoluta e dos conflitos epidêmicos gerados pela vingança<sup>4</sup>. Para Girard, o entendimento de uma possível natureza humana é necessário, pois a própria constituição e manutenção da humanidade, ou seja, suas ações, suas crenças e, sobretudo, a sua existência, se deve principalmente pelo jogo contínuo do desejo mimético, que produz por um lado todas as manifestações criativas e, por outro lado, todos os resultados destrutivos de nossa história. Logo, quando Girard analisa os mecanismos do desejo, ele não está apenas observando o surgimento da cultura, antes sua preocupação se demora na história desse desejo mimético, nos fenômenos e nos aspectos ritualísticos que determinam o lugar do desejo e o que é desejável em uma determinada cultura. O desejo mimético e o bode expiatório são duas faces

---

<sup>4</sup> Vale lembrar a importância que Girard, ao longo de sua obra, aponta para a questão do Religioso. Para ele, nós modernos abandonamos (ou perdemos) a capacidade de discernir o real valor e papel fundamental da religiosidade na constituição da cultura. A crítica radical do século XVIII e o distanciamento promovido no correr dos anos produziu uma impossibilidade de “reabilitar” a questão do religioso no quadro geral da pergunta pelo Homem. Para Girard, por exemplo, subestimamos o perigo da vingança, e incapazes de reconhecer seus mecanismos produzimos falsas interpretações sobre seu poder e origem: “Nossa ignorância forma um sistema fechado. Nada consegue desmenti-la. Não temos necessidade do religioso para resolver um problema cuja própria existência nos escapa. O religioso passa a ser algo sem sentido algum. A solução dissimula o problema e o desaparecimento do problema dissimula o religioso enquanto solução”. (Girard, 1972, p. 33-34)

da mesma moeda, por isso, não se separa o desejo e a vingança, apenas, ocorrerá a “habilidade” de cada cultura em absorver o impacto da vingança, direcionar o conflito ou conter o contágio que implode a comunidade:

Há duas grandes aproximações modernas à violência. A primeira é política e filosófica, ela considera o homem naturalmente bom e atribui tudo o que contradiz esse postulado às imperfeições da sociedade, à operação das classes populares pelas classes dirigentes. A segunda é biológica. No seio da vida animal, que é naturalmente pacífica, apenas a espécie humana é verdadeiramente capaz de violência. Freud falava de uma pulsão de morte. Atualmente, procuram-se os genes da ‘agressividade’. Essas duas aproximações permaneceram estéreis. Há anos venho propondo uma terceira, que é ao mesmo tempo muito nova e muito antiga. Quando falo dela, desperto certo interesse, imediatamente substituído pelo ceticismo quando pronuncio a palavra-chave de minha hipótese: *imitação*. Aos apetites e necessidades determinadas pela biologia, comuns aos homens e aos animais, dotados de objeto fixos, sempre os mesmos, por conseguinte, pode-se opor o desejo ou paixão, que são exclusivamente humanos. Há paixão, desejo intenso, a partir do momento em que nossas aparições vagas se fixam num modelo que nos sugere o que convém desejar, mais amiúde desejando-o ele próprio. (Girard, 2011, p. 33).

O processo de *imitar o desejo* do outro será a chave da revelação de muitas situações apresentadas neste trabalho sobre a *mimeses* enquanto princípio e motor humano para que se estabeleçam os critérios adequados pelos quais se observa e entende a nossa conduta, a nossa inteligência, a nossa linguagem e as nossas ações. Estas tendem a nos levar ao seu lado caótico se mal compreendido. A imitação é responsável pela construção e ruptura dos laços afetivos, mas também pela aproximação e intensidade dos conflitos humanos. Para Girard, os homens estão condenados a imitar, pois é por meio desse mecanismo comunicativo que se produz tanto os conflitos quanto a transmissão simbólico-cultural.

Suas ideias iniciais a respeito de sua teoria estiveram presentes no campo da crítica literária. Em 1961 tendo publicado seu primeiro livro: *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*, sua principal fonte de análise na composição da obra são os romances modernos. Nesta obra Girard questiona o lugar do desejo nas obras modernas e, observa como o desejo é sempre gerado pela imitação do desejo de outros, que passam a funcionar como modelos. Os romances analisados apontam para o teor do antagonismo fundamental no cerne do desejo, como se constrói e se molda a rivalidade mimética, o conflito destrutivo entre os sujeitos pela posse do mesmo objeto. Para compreender a teoria do autor faz-se necessário destacar a forma como este monta a base da sua teoria, suas ideias principais estão contidas em três obras: *Mentira romântica e verdade romanesca*, *A violência e o sagrado* e *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*.<sup>5</sup>

Na construção da sua teoria, durante as análises nas obras de Cervantes, Shakespeare, Proust, Dostoiévski, Flaubert, Balzac, Stendhal, Girard notou pontos semelhantes no que correspondia ao comportamento dos personagens contidos nas narrativas dos romances destes autores, e que de forma ampla atraiu milhares de leitores e foram consideradas grandes produções literárias do ocidente, percebendo a centralidade do desejo na condição humana Girard se interrogar sobre como autores diferentes podiam falar de algo de forma tão semelhante? Essa pergunta o direcionou a abordar sobre o fio condutor da forma destes diálogos, segundo Girard, essa semelhança se devia a uma compreensão da natureza humana. E sobre essa compreensão da natureza humana é que podemos abordar os conceitos da teoria do autor dentre eles o inicial é o conceito de *desejo mimético*<sup>6</sup>.

René Girard iniciou sua carreira com dois livros de crítica literária: *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (1961) e *Dostoiévski: do Duplo à unidade* (1963). O primeiro deles é um estudo de cinco romancistas importantes – Cervantes, Stendhal, Flaubert, Proust e Dostoiévski -, ao passo que o outro se debruça exclusivamente sobre os romances do escritor russo e sobre outras obras ficcionais menores de sua autoria. Em ambos os trabalhos, Girard nos apresenta uma série de ideias notáveis sobre a arte do romancista, mas seu principal interesse é examinar o funcionamento do que ele denomina desejo “mimético” ou “triangular” (Golsan, 2014. p. 25).

---

<sup>5</sup> O amadurecimento da teoria girardiana ocorre de modo progressivo nesta trilogia, ou seja, em *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (1961) a dinâmica do seu pensamento avança com o estudo das obras literárias modernas que revelam os mecanismos do desejo mimético. Pode-se dizer que os elementos fundamentais do triângulo do desejo mimético: sujeito-modelo-objeto; mediação externa, mediação interna e, especialmente, os elementos de uma psicologia interdividual, são formulados por ele. Após mais de uma década vem à luz a obra, *A violência e o sagrado* (1972), Girard estabelece um plano de análise da gênese no desejo mimético na origem da cultura, ou seja, no processo civilizatório ou de hominização. Por fim, em *Das coisas ocultas desde a fundação do mundo* (1978) ele desloca seu pensamento modificando alguns pontos anteriores de sua teoria e, aprofundando sua análise nos textos bíblicos, demonstra a diferença entre o mecanismo do bode expiatório nos ritos pagãos e a “revelação” Cristã do mecanismo como chave de leitura para uma nova abordagem do papel do cristianismo na história da civilização.

<sup>6</sup>A palavra mimética é derivada de mimesis que significa imitação. Esse conceito possui um eixo central na compreensão da teoria mimética, apesar de não ser um termo especificamente de Girard, esta palavra vem sendo trabalhada e debatida por vários pensadores da história do Ocidente dentre eles Platão, Aristóteles, entre outros. Mesmo que mimesis signifique imitação, utilizado por Platão no sentido de cópia, para Girard este termo ganha outra abrangência. Girard percebeu que este termo não estava presente apenas no campo da Arte, mas também enquanto mimetismo estava também presente nas religiões da antiguidade. “A indiferença e a desconfiança de nossos contemporâneos com relação à imitação repousam na concepção que eles fazem dela, ancorada numa tradição que em última análise remonta a Platão. Já em Platão, a problemática da imitação é amputada de uma dimensão essencial. Quando Platão fala da imitação, ele o faz em um estilo que anuncia todo o pensamento ocidental posterior. Os exemplos que ele propõe referem-se sempre a certos tipos de comportamentos, maneiras, hábitos individuais ou coletivos, falas, modos de falar, sempre *representações*. Jamais, nessa problemática platônica, trata-se dos comportamentos de apropriação. Ora, é evidente que os comportamentos de apropriação, que desempenham um papel formidável não só nos homens, mas em todos os seres vivos, são suscetíveis de ser copiada” (Girard, 1978, p. 15-16). Essa abordagem da imitação enquanto apropriação é que dará sentido a toda a fundamentação da teoria mimética.

Compreendendo essa trajetória inicial de Girard com a crítica literária e análises das leituras identificando as premissas iniciais de sua teoria é necessário que se aborde em linhas gerais e específicas como ele aponta o desejo mimético que gera a triangularidade do desejo existente nas relações entre os indivíduos (no caso os personagens das obras) e como este mesmo se direciona para a violência sacrificial e para o mecanismo do bode expiatório relatando assim o processo de surgimento e fundação da cultura humana, sendo esta sua segunda hipótese apresenta na obra *A Violência e o Sagrado* (1972).

### **O bode expiatório**

Destacando questões como o papel da violência fundadora, Girard funda uma nova teoria do sagrado. O autor considera, em uma de suas principais obras, *A violência e o sagrado* (1972), a ideia de que os homens são guiados por um mimetismo instintivo que os leva a agir de forma mimética. Este comportamento será a causa de conflitos e rivalidades, que refletirá numa violência que deverá ser incessantemente exorcizada pelo sacrifício de vítimas expiatórias.

Compreendendo os elementos - desejo mimético, mediação externa e interna - que coloca a teoria mimética de Girard na origem da violência, o autor aborda outro fator na estrutura de sua teoria, o bode expiatório. Para Girard, a violência e o sagrado estão nos primórdios da civilização, fazem parte dos elementos anteriores ao processo civilizatório. Podemos encontrar estes elementos a partir do mecanismo de controle da violência, violência esta desencadeada pelo desejo mimético.

Em linhas gerais, Girard nos diz que as narrativas mitológicas apresentam aspectos em comum, geralmente a história se passa em comunidades ou grupos de pessoas que assoladas por conflitos e rivalidades apontam um membro como bode expiatório que seria julgado como o causador dos acontecimentos ruins. Este, por conseguinte seria eliminado e a sua morte traria paz e união à comunidade, a mesma que antes era revolvida por vinganças e pelo esgarçamento das leis. A alternativa para culpar o bode expiatório é livrar aquela comunidade da destruição. Com o sacrifício do bode expiatório a ordem retorna à comunidade, e traz em si o fenômeno do sagrado, já que possui o duplo papel de desestabilizar e reestabilizar a comunidade. Em suma, a violência e o sagrado são inseparáveis<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Cf., Girard, *La violence et le sacré*, p. 34.  
Poiesis - Revista de Filosofia  
Montes Claros, v. 28, n. 1, 2024



Em *A violência e o sagrado*, Girard aprofunda algumas das suas intuições, explorando o seu lado antropológico. Suas pesquisas se concentram na leitura dos mitos fundadores de algumas civilizações, dos ritos antigos, das peças da tragédia grega, da bíblia judaico-cristã e de autores modernos como Freud, Lévi-Strauss, Nietzsche e outros. Girard propõe traçar um trabalho profundo relacionado à verdade por trás das relações humanas, do mito enquanto fonte de verdade sobre as nossas origens.

Deste modo, Girard dialoga com diversos autores, entre eles, Marcel Mauss<sup>8</sup>, Evans Pritchard<sup>9</sup>, Freud, Lévi-Strauss, entre outros<sup>10</sup>. Nos diálogos que realiza com cada um desses autores tece críticas e considerações sobre a teoria mimética nas comunidades arcaicas e como estas ao descobrirem o mecanismo do bode expiatório teriam sido capazes de lidar com a violência interna, que se não fosse mediada poderia extinguir estes povos. Ao mesmo tempo, Girard também deixa claro que o mecanismo do bode expiatório sempre será a solução para os conflitos, mesmo que ele não assuma as mesmas dimensões ou formas ritualísticas.

A hipótese do assassinato fundador pode ser compreendida mediante a leitura dos mitos que a partir da perspectiva dos linchadores nos fazem acreditar que o bode expiatório é realmente o culpado<sup>11</sup>. Segundo Girard, nas análises dos ritos das sociedades arcaicas, realizados pelos historiados e antropólogos, não é levado a sério<sup>12</sup> o teor desses relatos, o linchamento original permanece na ordem do simbólico, da imaginação ou da metáfora. Com a teoria do desejo mimético e o mecanismo do bode expiatório Girard recebeu muitas críticas, dentre elas o fato da sua teoria não ser de cunho científico. Todos os dados fornecidos em

---

<sup>8</sup> Marcel Mauss (10 de Maio de 1872 - 10 de Fevereiro de 1950) foi sociólogo e antropólogo francês. É considerado o "pai" da etnologia francesa.

<sup>9</sup> Edward Evans-Pritchard (21 de setembro de 1902 - 11 de setembro de 1973) foi antropólogo inglês que teve uma participação fundamental no desenvolvimento da Antropologia Social.

<sup>10</sup> Enfatizamos que a intuição girardiana parte da análise das obras literárias estudadas em seu primeiro livro. Esse dado é importante, pois ao longo do desenvolvimento de sua teoria, ele não deixou de estudar e interpretar outros autores, agora, não mais circunscritos ao período moderno. Deste modo, ele rastreia os elementos do desejo mimético nas obras antigas como a de Sófocles, Eurípedes ou na Sagrada Escritura. Ou seja, Girard obteve êxito em apresentar a tese do desejo mimético como tema presente e central nos mais diversos romancistas e mesmo entre aqueles distantes no espaço e no tempo. Sua constatação é de que o desejo é sempre mimético, e se mostra sempre mediado, ele (o desejo) supõe uma relação triangular. Não existe uma "autonomia" do desejo, sempre adotamos um modelo que aponta para o objeto a ser desejado. Aqui, exatamente, a tese de Girard se distancia do pensamento psicanalítico.

<sup>11</sup> É necessário destacar para que o mecanismo funcione é necessário que se acredite na culpa do bode expiatório.

<sup>12</sup> Cf., Girard, *O bode expiatório*, p. 115. Vinolo (2012, p. 24) completa essa crítica: "Efetivamente, apenas o sistema girardiano permite compreender que por trás de cada expulsão simbólica, apresentada nos mitos como restauradora da ordem na comunidade, se esconde, de fato a narrativa de uma expulsão real e originária". Para Girard, poucos foram aqueles que entenderam o real sentido dessas histórias, dentre eles, Girard destaca Freud como único autor moderno que ousou investigar o problema do assassinato fundador, *vide, Moises e o Monoteísmo*.

suas obras são empíricos, mas não verificáveis empiricamente, o que pode parecer contraditório.

Errada ou com razão, a teoria da vítima expiatória pretende descobrir o acontecimento que constitui o objeto direto ou indireto de qualquer hermenêutica ritual e cultural. Esta teoria pretende explicar integralmente, “desconstruir” todas estas hermenêuticas. Portanto, a tese da vítima expiatória não constitui uma nova hermenêutica. E o fato dela ser apenas acessível por meio dos textos não permite julgá-la assim. Esta tese não tem mais nenhum caráter teológico ou metafísico, em termos de crítica contemporânea. Ela responde a todas as exigências de uma hipótese científica, contrariamente às teses psicológicas e sociológicas, que se consideram positivistas, mas que deixam na obscuridade tudo o que as teologias e as metafísicas sempre deixaram, não sendo, no fim das contas, senão sucedâneos invertidos destas últimas. (Girard, 1972, p. 474).

A validação da teoria de Girard se encontra na correlação dos dados pesquisados no campo da literatura, textos de mitologia e de cunho religioso de épocas e autores diferentes, utilizando-se, assim, do método comparativo<sup>13</sup>. Além de identificar o desejo mimético e o mecanismo do bode expiatório, Girard explana o importante papel da religião nas culturas arcaicas e na modernidade no controle da violência e na manutenção da estrutura organizada do sacrifício nessas sociedades, mecanismo este que por muito tempo vai evitar a destruição ou o esfacelamento dessas sociedades. Neste sentido, o tema do sacrifício é fundamental nas obras de Girard, para compreendermos o caráter da vítima e seu papel enquanto sacrifício nas sociedades arcaicas.

O mito, para Girard, será fundamental no tocante à análise da sua teoria mimética e, sobretudo, os materiais que a literatura pode oferecer para a compreensão deste fenômeno. Para ele, o mito revela o elemento persecutório, ou seja, os traços da violência que estabelece a passagem da indiferenciação para a diferenciação. Tal procedimento permite ir além da “cristalização mítica” e observar a fundamentação da teoria mimética, de forma a contribuir contemporaneamente para uma reinterpretação dos mitos e entendê-los enquanto uma narrativa que está para além da fantasia ou da ingenuidade do intelecto. Pois Girard:

(...) não acredita que os mitos sejam registros precisos de acontecimentos passados, Girard afirma que eles têm origem em acontecimentos reais ou históricos e que, no

---

<sup>13</sup> O método girardiano constitui-se a partir de premissas etnológicas e etológicas. No primeiro caso os dados antropológicos, mitos, ritos, textos *etc.* são utilizados de modo comparativo, ou seja, são observados as similaridades, os indícios, as aproximações e coincidências transculturais, permitindo analogias e observações com pretensões éticas universais. No segundo movimento, a preocupação etológica é justificada, pois Girard não cria um monismo cultural, ou um dualismo teórico para responder aos dilemas antropológicos, para ele há uma continuidade evolucionária que vai do natural ao cultural. O paradigma defendido por ele é de uma epistemologia morfogenética, pois apresenta um modelo de interpretação genético e gerativo da cultura.



fundo, não passam de representações distorcidas de tais ocorrências. Seu ponto de vista, portanto, é amplamente comparável ao de figuras como Edward Tylor<sup>14</sup> e James Frazer<sup>15</sup>, para quem os mitos são reflexos distorcidos de fenômenos naturais, e Carl Jung e Sigmund Freud, acreditam que os mitos revelam, indiretamente, aspectos essenciais do comportamento humano (Golsan, 2014, p. 97).

Podemos constatar que os mitos dentro da teoria mimética possuem um papel central e importante no desenvolvimento da teoria mimética de Girard, pois o seu método hermenêutico de leitura dos mitos das civilizações antigas destaca o elemento do estado da indiferenciação para a diferenciação dentro da narrativa, expressado pelo ato violento e o assassinato fundador. Estes elementos, pontuados por Girard em suas obras, demarcam sua teoria como uma nova maneira de falar sobre o surgimento da cultura ocidental. Este é um dos pontos pelos quais ele tenha se tornado um grande teórico dentro da antropologia, sociologia, filosofia e da crítica literária. É nessa abordagem de leitura que Girard irá fazer a crítica ao modelo de leitura e interpretação da psicanálise sobre os elementos fundadores da Cultura humana.

### **A leitura dos mitos e a rejeição da antropologia psicanalítica**

Girard formulou a tese sobre o desejo mimético e a do bode expiatório como fundamento do sagrado, da religião e da cultura, enquanto Freud, na obra *Totem e tabu* (1913) apresenta um momento importante na elaboração da sua teoria do complexo de Édipo. Nesta obra pontua a respeito da cultura de alguns povos que cultivavam horror ao incesto, a lei era uma forte característica dentro do sistema totêmico destes povos contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem, neste caso Freud cita os aborígenes australianos. Freud se interessa por este campo de estudo na tentativa de compreender como a existência da proibição do incesto e o parricídio que se encontra nesses modelos de sociedades e a relação deste no surgimento dos interditos e os sistemas culturais da humanidade.

Em 1913, no texto “Totem e Tabu”, Freud inventa um mito de origem para toda a humanidade e propõe o parricídio como o crime primevo fundador da cultura. Freud retoma, em 1928, no texto sobre Dostoiévski, esse desenvolvimento teórico empreendido em 1913 e reafirma que o parricídio é a principal fonte do sentimento de culpa do homem. Essa novidade, por ele apresentada em “Totem e Tabu” (1913) e reafirmada em “Dostoiévski e o Parricídio” (1928), teve, provavelmente, na obra

---

<sup>14</sup> Antropólogo britânico filiado à escola antropológica do evolucionismo social.

<sup>15</sup> Sir James George Frazer, influente antropólogo nos primeiros estágios dos estudos modernos de mitologia e religião comparada.

de Dostoiévski uma de suas fontes inspiradoras. Entretanto, Freud não citou essa fonte sequer para ilustrar o seu desenvolvimento teórico, como costumava fazer quando dialogava com o campo da arte. O apoio de suas ideias no trabalho de grandes artistas era, para ele, a confirmação de que o edifício teórico da Psicanálise estava sendo construído numa boa direção e que suas ideias tinham uma abrangência universal (Coelho, 2011, p. 69).

Freud, no desenvolvimento da sua teoria, apresenta algumas características específicas dos povos aborígenes australianos onde especificamente vai encontrar os elementos do totem e do tabu e a relação destes com a proibição do parricídio e do incesto. Freud partiu do ponto de vista de que elementos como os mitos, a arte e as demais produções deixadas pelos povos antigos, denominados como primitivos, podem revelar considerável significado sobre a maneira como viviam e se relacionavam. Toda essa cultura estaria resguardada de alguma forma em grupos humanos da nossa época os quais denominamos selvagens ou semisselvagens. É como se estes conservassem um estágio primitivo de nosso desenvolvimento. Ao considerar essa hipótese Freud tenta:

Uma comparação entre a psicologia dos povos primitivos, como é vista pela antropologia social, e a psicologia dos neuróticos, como foi revelada pela psicanálise, esta destinada a mostrar numerosos pontos de concordância e lançará nova luz sobre fatos familiares às duas ciências. Tanto por razões externas como internas, escolherei como base dessa comparação as tribos que foram descritas pelos antropólogos como sendo dos selvagens mais atrasados e miseráveis, os aborígenes da Austrália, o continente mais jovem, em cuja fauna também podemos ainda observar muita coisa que é arcaica e já pereceu em outras regiões (Freud, 1980, p. 07).

Seguindo esta lógica, Freud se lança no estudo da cultura destes povos que manifestavam um comportamento peculiar com relação ao incesto e ao parricídio.

Os aborígenes australianos são considerados uma raça distinta, sem apresentar relação física nem linguística com seus vizinhos mais próximos, os povos melanésio, polinésio e malaio. Eles não constroem casas, nem abrigos permanentes; não cultivam o solo; não criam animais domésticos, a exceção do cão; não conhecem nem mesmo a arte da cerâmica. Vivem inteiramente da carne dos animais que caçam e das raízes que arrancam. Reis e chefes são desconhecidos entre eles; os assuntos comuns são decididos por um conselho de anciões. É altamente duvidoso que se lhes possa atribuir qualquer religião moldada na adoração de seres superiores. As tribos do interior do continente, que têm de lutar contra condições de existência mais árduas em virtude da escassez de água, parecem ser, sob todos os aspectos, mais primitivas do que as que vivem perto da costa. Naturalmente não era de se esperar que a vida sexual desses canibais pobres e desnudos fosse moral no nosso sentido ou que seus instintos sexuais estivessem sujeitos a um elevado grau de qualquer restrição. Entretanto, verificamos que eles estabelecem para si próprios, com o maior escrúpulo e o mais severo rigor, o propósito de evitar relações sexuais incestuosas. Na verdade, toda a sua organização social parece servir a esse intuito ou estar relacionada com a sua consecução. Entre os australianos, o lugar das

instituições religiosas e sociais que eles não têm é ocupado pelo sistema do ‘totemismo’ (Freud, 1980, p. 08).

A contribuição de Freud à antropologia social se encontra nesta obra onde está presente a hipótese da Horda<sup>16</sup> primeva e da morte do pai primevo. A elaboração da sua teoria se construiu a partir desses estudos na remontagem da origem das instituições sociais e culturais posteriores. Nesse sentido antes de traçar a crítica de Girard à antropologia psicanalítica é necessário compreender o que Freud tem a nos dizer sobre totem e tabu, e os que esses termos representam na cultura destes povos e no cerne de sua teoria.

As tribos australianas subdividem-se em grupos menores, ou clãs, cada um dos quais é denominado segundo o seu totem. O que é um totem? Via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã. Em primeiro lugar, o totem é o antepassado comum do clã; ao mesmo tempo, é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos. Em compensação, os integrantes do clã estão na obrigação sagrada (sujeita a sanções automáticas) de não matar nem destruir seu totem e evitar comer sua carne (ou tirar proveito dele de outras maneiras). O caráter totêmico é inerente, não apenas a algum animal ou entidade individual, mas a todos os indivíduos de uma determinada classe. De tempos em tempos, celebram-se festivais em que os integrantes do clã representam ou imitam os movimentos e atributos de seu totem em danças cerimoniais. (Freud, 1980, p. 8).

A relação que estes povos têm com o seu sistema totêmico é base de todas as suas obrigações sociais. Assim, o que interessa a Freud é o fato de que os lugares em que os totens existiam e, também, o fato de se encontrar uma lei que proíbe as relações sexuais entre as pessoas do mesmo totem, ou seja, o casamento é constituído de modo exogâmico<sup>17</sup>, uma instituição relacionada ao sistema totêmico, e o totem aqui se sobrepõe à filiação tribal e consanguínea. No entanto, Freud destaca que a proibição é notável devido à severidade da obrigação, mas que é difícil prever como isto se deu no sistema totêmico. Freud destaca alguns pontos sobre o significado desta proibição.

---

<sup>16</sup> O mito da horda primeva, descrita por Freud em *Totem e tabu*, permite explicar a constituição social, o modelo moral, as interdições e o papel da religião. Grosso modo, o mito relata a história de um pai poderoso, tirânico e arbitrário que possuía sob seu domínio, de forma tirânica, todas as fêmeas e exigia submissão dos filhos. Ele de modo violento expulsa do grupo os machos que investem sexualmente ou colocam em questão seu poder. A ambivalência dessa relação produz uma união entre os filhos que assassinam o pai e devoram-no numa refeição totêmica. Entretanto, após o assassinato coletivo e o apaziguamento do ódio, ocorre o remorso e a culpa, quando da identificação dos filhos com o pai assassinado. Esta afeição recalcada produz neles, e na relação filial posterior, a formação proibitiva de matar o pai e a condenação de qualquer relação sexual com a mãe.

<sup>17</sup> “A exogamia totêmica, ou seja, a proibição de relações sexuais entre os membros do mesmo clã parece ter constituído o meio apropriado para impedir o incesto grupal” (Freud, 1980, p. 11).

- a) a violação da proibição não é deixada ao que se poderia chamar de punição “automática” das partes culpadas, como no caso de outras proibições totêmicas, tal como a existente contra a morte do animal totem. É vingada da maneira mais enérgica por todo o clã, como se fosse uma questão de impedir um perigo que ameaça toda a comunidade ou como se tratasse de alguma culpa que a estivesse pressionando. [...] b) Desde que o mesmo castigo severo é infligido a casos amorosos passageiros que não resultaram em filhos, parece improvável que as razões para a proibição sejam de natureza prática. (c) Uma vez que os totens são hereditários não mutáveis pelo casamento, é fácil acompanhar as consequências da proibição. Por exemplo: onde a descendência se faz pela linha feminina, se um homem do totem canguru casar-se com uma mulher do totem emu, todos os filhos, tanto os rapazes como as meninas, pertencerão ao clã emu. Assim os regulamentos totêmicos tornarão impossível a um filho desse casamento manter relações sexuais incestuosas com sua mãe ou irmãs, que são emus como ele próprio. (d) Um pouco mais de reflexão, porém, demonstrará que a exogamia vinculada ao totem realiza mais (e, assim, visa a mais) do que a prevenção do incesto com a própria mãe e irmãs, tornar impossível ao homem as relações sexuais com todas as mulheres de seu próprio clã (ou seja, com um certo número de mulheres que não são suas parentas consanguíneas), tratando-as como se fossem parentes pelo sangue. À primeira vista, é difícil perceber a justificativa psicológica desta restrição tão ampla, que vai muito além de qualquer comparação com os povos civilizados. Pode-se depreender dela, porém, que o papel desempenhado pelo totem como antepassado comum é tomado muito a sério. Todos os que descendem do mesmo totem são parentes consanguíneos. Formam uma família única e, dentro dela, mesmo o mais distante grau de parentesco é encarado como impedimento absoluto para as relações sexuais (Freud, 1980, p. 10).
- b)

Podemos perceber com esta citação o quanto é levado a sério e estritamente o sistema totêmico de classificação em prol de impedir que as pessoas tenham relações incestuosas, e a penalidade para o infringimento destas regras é a morte:

Não importa se a mulher é do mesmo grupo local ou foi capturada de outra tribo, durante a guerra; o homem do clã impróprio que a usar como esposa é perseguido e morto por seus irmãos de clã. [...] Na tribo Ta-ta-thi, da Novas Gales do Sul, nos raros casos em que ocorre, o homem é morto, mas a mulher é apenas espancada ou perfurada por lanças, ou ambas as coisas, até ficar quase morta; sendo a razão alegada para não chegar a matá-la o fato de, provavelmente, ter sido coagida. (Freud, 1980, p. 9).

Percebe-se que o laço consanguíneo é substituído pelo sistema totêmico de parentesco, o que para Freud naquele momento era algo sem explicação, pois na concepção moderna o laço consanguíneo era o laço de parentesco real. Além desta característica essas tribos australianas mantinham as relações matrimoniais grupais, possuíam divisões denominadas fratrias subdivididas em duas subfratrias, assim a tribo ficava dividida em quatro e as subfratrias sendo intermediárias entre as fratrias e os clãs totêmicos. Essas divisões dão uma

restrição ainda maior com relação à escolha do casamento e à liberdade sexual. Assim chegamos agora ao elemento do Tabu dentro destas culturas.

Tabu é um termo polinésio. É difícil para nós encontrar uma tradução para ele, desde que não possuímos mais o conceito que ele conota. A palavra era ainda corrente entre os antigos romanos, cujo ‘sacer’ era o mesmo que o ‘tabu’ polinésio. Também o ‘ayos’, dos gregos e o ‘kadesh’ dos hebreus devem ter tido o mesmo significado expressado em ‘tabu’ pelos polinésios e, em termos análogos, por muitas outras raças da América, África (Madagascar) e da Ásia Setentrional e Central. O significado de ‘tabu’, como vemos, diverge em dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’, e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’, ‘proibido’, ‘impuro’. O inverso de ‘tabu’ em polinésio é ‘noa’, que significa ‘comum’ ou ‘geralmente acessível’. Assim, ‘tabu’ traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições. Nossa acepção de ‘temor sagrado’ muitas vezes pode coincidir em significado com tabu (Freud, 1980, p. 18).

O termo “tabu” se encontra em um duplo significado, ou seja, pode ser sagrado e perigoso. A suas restrições são diferentes da questão religiosa, pois não se apoia sobre nenhuma perspectiva de ordem divina, mas por sua própria conta. No entanto, ao mesmo tempo sua fonte originária é apoiada na ideia de um poder mágico peculiar que é inerente às pessoas e aos espíritos, e que pode ser transmitida por objetos inanimados. Deste modo, as coisas, pessoas, ou animais que são consideradas nessas tribos como tabu são carregadas desta energia que pode ser canalizada tanto para aquilo que entendemos por bem quanto por mal.

Freud, ao analisar a presença do tabu nestas sociedades e a sua relação com a proibição do incesto, constata que este mesmo horror e desejo presente nestas sociedades estariam presentes também nas sociedades modernas. Neste sentido estabelece o seguinte argumento:

Em primeiro lugar, portanto, deve-se dizer que não faz nenhum sentido pedir a selvagens que nos digam o motivo real de suas proibições - a origem do tabu. Decorre de nossos postulados que eles não podem responder, visto que seu verdadeiro motivo deve ser “inconsciente”. Podemos, entretanto, reconstruir a história do tabu, como se segue, sobre o modelo das proibições obsessivas. Os tabus, devemos supor, são proibições de antiguidade primeva que foram, em certa época, externamente impostas a uma geração de homens primitivos; devem ter sido calcadas sobre eles, sem a menor dúvida, de forma violenta pela geração anterior. Essas proibições devem ter estado relacionadas com atividades para as quais havia forte inclinação (Freud, 1980, p. 27).

Para Freud, nada está mais explícito que o desejo que esses povos têm em cometer tais atos proibidos pela inserção do tabu, este desejo se encontra no inconsciente, e temem fazer justamente porque gostariam de fazer, no entanto o medo é mais forte. É neste ponto que Freud aproxima sua teoria do complexo de Édipo aos estudos sobre totem e tabu.

O desejo está, inconsciente embora, em cada membro individual da tribo, do mesmo modo que está nos neuróticos. As mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico do sexo oposto. Estes devem ser, então, os mais antigos e poderosos dos desejos humanos. Não podemos esperar compreender isso nem testar nossa hipótese com esses dois exemplos, enquanto ignorarmos totalmente o significado e a origem do sistema totêmico. Mas a enunciação desses dois tabus e o fato de sua concomitância farão lembrar a qualquer pessoa familiarizada com os achados de pesquisas psicanalíticas em indivíduos algo bem definido, que os psicanalistas consideram como sendo o ponto central dos desejos da infância e o núcleo das neuroses (Freud, 1980, p. 28).

Em linhas específicas, o complexo de Édipo é um dos conceitos de Freud na psicanálise, que remonta à fase do desenvolvimento infantil revelando uma espécie de relação de disputa entre a criança e o pai pelo amor da mãe. É neste ponto que entra a crítica de Girard que descarta a possibilidade do complexo de Édipo para dar lugar a mimesis conflitual nas relações de disputas e desejos entre os povos que dariam origem à cultura. Na leitura de Girard, Freud indica que a identificação do menino com seu pai é apresentada como “absolutamente primeira” e “anterior a qualquer escolha de objeto”:

Freud insiste neste ponto, nas primeiras frases de uma análise que vai se desenvolver na explicação do complexo de Édipo em seu conjunto, sempre no mesmo capítulo VII de *Psicologia das massas e análise do ego*. Após a identificação com o pai vem a tendência libidinal pela mãe que aparece e se desenvolve, diz Freud, primeiramente de maneira independente. Poder-se-ia dizer que neste estágio o desejo pela mãe tem duas origens. A primeira é a identificação com o pai, o mimetismo. A segunda é a *libido* diretamente fixada na mãe. Estas duas forças agem no mesmo sentido e só podem se reforçar mutuamente. É exatamente isto que Freud afirma algumas linhas adiante. Após terem evoluído de maneira independente durante algum tempo, a identificação e a tendência libidinal “entram em contato” e a tendência libidinal *sofre um reforço*. Esta é uma consequência bastante natural e lógica, caso interprete a identificação, como acabamos de fazer, no sentido de uma mimese dirigida ao desejo paterno. É difícil admitir ou mesmo conceber uma outra interpretação; todas as indicações que comentamos anteriormente tornar-se-iam tão incompreensíveis e absurdas em sua ausência quanto são racionais e coerentes à sua luz. (Girard, 1972, p. 252).

Nesta citação percebemos a base do argumento de Freud sobre o complexo de Édipo, e o fator do parricídio e do incesto serem considerados por Freud centrais na compreensão de sua teoria. No entanto, se analisarmos a citação deste texto a respeito de Édipo e considerarmos o caráter mimético do desejo, as indagações de Freud apresentariam uma fragilidade argumentativa, pois para Girard o problema da teoria de Freud reside na afirmação de que o objeto materno é intrínseco, e não baseado em outro desejo. Entretanto, em sua leitura, Girard enfatiza a diferença entre as análises nos primeiros textos de Freud e os



últimos, e demonstra como nos primeiros escritos o elemento mimético mostrava-se presente, ou seja, a anterioridade da identificação da criança com o pai, enquanto nos textos tardios Freud passa a acentuar a tendência libidinal para a mãe, abandonando a ideia da identificação<sup>18</sup>. O desejo do parricídio e do incesto não constituem a ideia da criança, antes é no modelo, no adulto, que aponta para ordem do desejo. O desejo não é catéxico, pautado pelo objeto<sup>19</sup>, ele não é inato ou original, mas mimético: “A concepção mimética afasta o desejo de qualquer objeto; o complexo de Édipo enraíza o desejo no objeto materno; a concepção mimética elimina toda consciência e mesmo todo desejo real do parricídio e do incesto; a problemática freudiana é ao contrário inteiramente fundada sobre essa consciência.” (Girard, 1972, p. 264). O desejo da criança pela mãe não é o desejo inicial, ele apenas imita o desejo que o pai tem pela mãe. Para Girard, Freud acerta ao estabelecer a triangularidade do desejo, o problema é que sua teoria se desvirtua e para defender uma concepção de inconsciente precisa fundar a teoria na consciência:

Em última análise, o que censuramos em Freud é o fato de que ele permanece ligado de forma indefectível, apesar das aparências, a uma filosofia da consciência. O elemento mítico do freudismo é a *consciência* do desejo parricida e incestuoso, consciência certamente relâmpago, entre a noite das primeiras identificações e a do inconsciente, mas assim mesmo consciência real, consciência à qual Freud não quer renunciar, o que o obriga a trair toda a lógica e toda verossimilhança: uma primeira vez para tornar possível esta consciência, e uma segunda para anulá-la, imaginado o inconsciente-receptáculo e o sistema de bombas aspiradoras e recalcanes que conhecemos. Este desejo do parricídio e do incesto, eu o recalco porque antigamente eu o quis realmente. *Ergo sum*. (Girard, 1972, p. 260)

O complexo de Édipo não é nada mais do que um construto que pretende explicar a existência de rivalidades triangulares, sendo assim o complexo de Édipo deveria dar lugar à mimese conflitual que se torna o principal motor da passagem da natureza à cultura. A respeito do parricídio e do incesto Girard afirma que o parricídio representa a reciprocidade violenta entre o pai e o filho, deixando clara a redução da relação paterna, vigorando a fraternidade conflituosa. Essa reciprocidade é vista quando Laio primeiro exerce violência contra Édipo, antes que Édipo revide.

Quando a reciprocidade violenta consegue absorver a própria relação do pai e do filho, nada mais é deixado fora de seu campo. E ela absorve esta relação tão completamente quanto possível, transformando-a em uma rivalidade que visa não um objeto qualquer, porém pela mãe, ou seja, pelo objeto o mais formalmente

<sup>18</sup> Cf., René Girard, *La violence et le sacré*, p. 254.

<sup>19</sup> Cf., Richard Golsan, *Mito e teoria mimética*, p. 50.

MONELLE DA SILVA CALDAS  
WANDEILSON SILVA DE MIRANDA

reservado ao pai e mais rigorosamente proibido ao filho. O incesto é violência, logo, violência extrema e conseqüente destruição extrema da diferença, a destruição da outra diferença maior no sentido da família, a diferença com a mãe. Ambos, o parricídio e o incesto, concluem o processo de indiferenciação violenta. A concepção que assimila a violência à perda das diferenças deve conduzir ao parricídio e ao incesto como último termo de sua trajetória. Nenhuma possibilidade de diferença subsiste; nenhum domínio da vida está a salvo contra a violência. O parricídio e o incesto vão assim definir-se em virtude de suas conseqüências. A monstrosidade de Édipo é contagiosa. Em primeiro lugar, ela se estende a tudo que é gerado por ele. O processo da geração perpetua a mistura abominável de sangue que, acima de tudo, é necessário separar. A gestação incestuosa relaciona-se a uma duplicação informe, a uma sinistra repetição do Mesmo, a uma mistura impura de coisas inomináveis. Em suma, o ser incestuoso expõe a comunidade ao mesmo perigo que os gêmeos. São estes os efeitos, reais ou transfigurados, da crise sacrificial, que as religiões primitivas sempre mencionam ao enumerar as conseqüências do incesto (Girard, 1972, p. 115-116).

A segunda indagação de Freud se encontra na teoria da *ordem primeva* formada por um grupo de irmãos que vive sob a liderança do pai e sobre a proibição de qualquer relação sexual destes filhos com as fêmeas constantemente vigiadas pelo pai. Temendo pelo seu poder o pai manda os filhos para longe, estes crescem cheios de sentimentos ruins desencadeados pelo pai tirânico que logo morrerá pela mão do filho tomando-o para si todo o seu poder. Neste ato movido pelo ódio, a inveja e a violência trazem conseqüências ao filho, o ressentimento dará origem a duas proibições: matar o pai e obter relação sexual com a mãe, ou seja, o parricídio e o incesto<sup>20</sup>.

Estes são os interditos assegurados pela psicanálise para entender o movimento da origem da cultura. É sobre estas indagações que Girard irá apontar algumas falhas de Freud na compreensão da origem da cultura. Devemos iniciar este momento de confronto da

---

<sup>20</sup>“É necessário pontuar de forma objetiva a relação que Freud traça do conceito de Édipo na obra *Totem e Tabu* nas formulações dos conceitos de Id, Ego e Superego, elementos constituintes na compreensão da personalidade humana nos estudos da psicanálise. Com base no relato de pacientes a respeito de suas fantasias, sintomas neuróticos, lembranças e sonhos, Freud desenvolveu uma teoria sobre a estrutura da personalidade humana e a dinâmica de seu funcionamento. Segundo ele, nossa personalidade é formada por três instâncias: id, ego e superego. O id é a instância que contém os impulsos inatos, as inclinações mais elementares do indivíduo. O id é composto por energias – denominadas por Freud de pulsões – determinadas biologicamente e determinantes de desejos e necessidades que não reconhecem qualquer norma socialmente estabelecida. O ego, que significa literalmente “eu”, é o setor da personalidade especializado em manter contato com o ambiente que cerca o indivíduo. Ele é a porção visível de cada um de nós, convive segundo regras socialmente aceitas, sofre as pressões imediatas do meio e executa ações destinadas a equilibrar o convívio da pessoa com os que a cercam. O superego, por sua vez, é um depositário das normas e princípios morais do grupo social a que o indivíduo se vincula. Nele se concentram as regras e as ordenações da sociedade e da cultura, representadas, inicialmente, pela família e, posteriormente, internalizadas pela pessoa” (Cunha, 2008, p. 1-2). Essas explicações Freud associa a hipótese da horda primitiva onde o id seria o sentimento primitivo de querer eliminar o pai, ego que percebe a força do pai e experimenta o medo, que depois consciente das diferenças resolve o conflito através do superego, identificando-se com seu pai estabelece uma espécie de moral interna afim de não permitir os sentimentos do id florescer.

antropologia girardiana com a antropologia psicanalítica pelo conceito central de ambos os autores no desenvolvimento de suas teorias, este conceito é o de desejo.

A divergência que existe entre a teoria de Girard e a antropologia psicanalítica de Freud nasce da definição do que seja o *desejo*, e a crítica de Girard também se concentra nesta base. Para Girard o desejo é *mimético*, para Freud é de *objeto*. Segundo René Girard o objeto só pode ser encontrado pelo desejo através da mediação de um terceiro, este designa como desejável quando o deseja.

Esta concepção de Girard se aproxima da de Freud quando este mesmo diz no capítulo VII de *Psicologia das massas e análise do Ego (1920)*, intitulado “A identificação” que a mãe é o objeto de desejo do filho pela identificação<sup>21</sup> com o pai, constatamos neste ponto certo mimetismo presente da designação do desejo.

No entanto esta aproximação perde certa força quando Freud afirma que a criança desenvolve de forma autônoma o desejo pela mãe<sup>22</sup>, pondo fim à ideia de que este provinha da identificação com o pai. Neste sentido, este desejo torna-se então de caráter objetual, o objeto (a mãe) vem primeiro, simultaneamente a identificação com o pai que o toma como rival na busca pelo seu objeto de desejo. Este ponto demarca a diferença existente entre as duas teorias, Girard destaca que o caminho do desejo mimético pode ter se apresentado diante de Freud, no entanto este não o seguiu<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Nos termos de Girard ele seria o modelo/obstáculo. Porém, para Freud a relação se produz de outro modo: “O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal. Essa conduta nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina diante do pai (ou dos homens em geral); é tipicamente masculina. Mas harmoniza-se bem com o complexo de Édipo, e ajuda a preparar o terreno para este. Essa identificação com o pai, talvez até antes, o menino começou a empreender um verdadeiro investimento objetual na mãe, do tipo “por apoio”. Ele mostra, então, duas ligações psicologicamente diferenciadas: com a mãe, um investimento objetual direto; com o pai, uma identificação que o toma por modelo. As duas coexistem por um tempo, sem influenciar ou perturbar uma à outra. Com o incessante progresso na unificação da vida psíquica, terminam por se encontrar, e desta confluência surge o complexo de Édipo normal. O menino percebe que o pai é um obstáculo entre ele e a mãe; sua identificação com o pai adquire então uma tonalidade hostil, e torna-se idêntica ao desejo de substituir o pai também junto à mãe. Pois desde o início a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação. Comporta-se como um derivado da primeira fase, a fase oral da organização da libido, na qual o indivíduo incorporou, comendo, o objeto desejado e estimado, e assim o aniquilou enquanto objeto” (Freud, 2011, p. 48).

<sup>22</sup> “Em idade muito precoce o menino desenvolve uma catexia objetual pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto segundo o modelo analítico; o menino trata o pai identificando-se com este. Durante certo tempo, esses dois relacionamentos avançam lado a lado, até que os desejos sexuais do menino em relação à mãe se tornam mais intensos e o pai é percebido como um obstáculo a eles; disso se origina o complexo de Édipo. Sua identificação com o pai assume então uma coloração hostil e transforma-se num desejo de livrar-se dele, a fim de ocupar o seu lugar junto à mãe. Daí por diante, a sua relação com o pai é ambivalente; parece como se a ambivalência, inerente à identificação desde o início, se houvesse tornado manifesta” (Freud, 2011, p. 19).

<sup>23</sup> Entre o desejo mimético, cujo funcionamento foi esboçado no capítulo precedente, e as análises do complexo de Édipo na obra de Freud, existem tanto analogias quanto diferenças. O esquema aqui pressuposto constitui

A concepção mimética nunca está ausente em Freud, mas tampouco consegue triunfar; sua influência é exercida em sentido contrário ao da insistência freudiana em favor de um desejo rigidamente objetual; em outros termos, da tendência libidinal para a mãe que constitui o outro polo do pensamento freudiano sobre o desejo (Girard, 1972, 250).

Percebe-se que há uma pequena mudança da primeira afirmação de Freud para a segunda afirmação com relação ao desejo da criança pela mãe, esta pequena e crucial diferença demarca o ponto “falho” de sua teoria no que corresponde ao surgimento daquilo que chamamos de interditos e o próprio mito da fundação da cultura humana. Toda vez que falamos do surgimento da cultura humana simultaneamente falamos de estágios, natureza e cultura, e da passagem da primeira à segunda.

Estes dois momentos trabalhados na antropologia se denominam como o estado indiferenciado (ausência de diferença) e o estado diferenciado (instituinte da cultura). Freud designa que o complexo de Édipo é chave para se compreender o totemismo, elemento este fundador da cultura humana. No entanto, suas afirmações que circundam aquilo que denomina desejo e onde está presente não é suficiente para demarcar a passagem de um estágio indiferenciado para o diferenciado dando origem à cultura. E é neste ponto que Girard tece críticas a Freud.

Freud ao constatar que o desejo pela mãe vem primeiro de forma autônoma estabelece que este já seja diferenciado, ou seja, possuidor de significado, não chegando a remontar o estado indiferenciado que seria anterior a cultura. Diferente de Girard que estabelece o assassinato coletivo como o primeiro significante e estabelece o sistema de diferenças, para Freud é o desejo que a criança sente pela mãe que designa este processo. O desejo pelo objeto já é pensado como diferenciado e diferenciador, é como se já postulasse uma estrutura enquanto a antropologia girardiana explica o surgimento da estrutura<sup>24</sup>. Neste sentido a obra *Totem e tabu* é importante, pois estende as teses desenvolvidas sobre o complexo de Édipo por Freud visando apenas outro ponto de vista.

---

uma fonte inesgotável de conflitos. A tendência mimética faz do desejo cópia de um outro desejo e conduz necessariamente à rivalidade. Esta necessidade fixa por sua vez o desejo sobre a violência de outrem. À primeira vista, Freud parece alheio a este domínio conflitual, mas na verdade passa bem perto dele, e uma leitura atenta pode mostrar porque ele não o identificou (Girard, 1972, p. 229).

<sup>24</sup> “René Girard pontuará apropriadamente na antropologia psicanalítica o fato de que, enquanto tentamos revelar os processos de hominização e de culturalização, isto é, enquanto tentamos explicar a gênese dos diferentes pensamentos em matéria de lugares, de papéis, Freud estabelece de antemão o desejo de uma pessoa que já ocupa um lugar diferenciado. A criança tem de forma originária esse desejo pela pessoa que ocupa o lugar de sua mãe ou por qualquer pessoa que desempenhe esse papel. A manifestação da cultura como manifestação da diferença não pode, assim, ocorrer na antropologia psicanalítica. A cena originária da antropologia psicanalítica é um não acontecimento, uma vez que ela é um não advento da diferença, que está sempre já presente no próprio desejo” (Vinolo, 2012, p. 133).

A respeito do nascimento da humanidade Freud postula três pontos: em primeiro lugar vem à hipótese da horda primitiva, em segundo a morte do pai, e em terceiro os irmãos que compreendem o interdito do incesto. Girard afirma que apesar de Freud ter cometido alguns equívocos durante suas análises, ele traçou um grande trabalho apresentando as premissas da teoria mimética, pois se observamos com atenção perceberemos que esses três momentos se encaixam no que Girard afirma sobre o momento indiferenciado e violento, a morte em comum, a chegada da paz e ao momento do diferenciado. Então em que Girard se opõe à teoria psicanalítica? O caminho que Freud toma com relação ao interdito do incesto nos povos primitivos se encontra desenvolvido da seguinte forma:

Ideia darwinista da ‘horda selvagem’ que supõe representar a humanidade em seu estado mais primitivo. Essa horda é um grupo de seres pré-humanos, controlados por um macho dominante que conseguiu impor seu poder sobre todos os outros. Ele é cercado por seus filhos assim como por mulheres cujo acesso é proibido por ciúme. Os filhos jovens, tendo lutado contra o pai para ter acesso às mulheres, são então expulsos do clã ou mortos. Cada um deles reproduzirá, por sua vez, em seu próprio clã, o esquema do clã paterno no seio de outro grupo social do qual ele será o criador e o macho dominante; existirá, assim, uma perpetuação do interdito do incesto pela reprodução de um esquema primeiro. (Vinolo, 2012, p. 135).

Freud aceita esta hipótese de Darwin como ponto de partida, o interdito do incesto deriva desta hipótese, mas para a sua consolidação entre a horda selvagem e o interdito do incesto Freud acrescenta o assassinato do pai. A conclusão pelos filhos ao cometer a morte do pai<sup>25</sup> é de que este evento traria perigos à comunidade, e simultaneamente cria-se o interdito do incesto.

O obstáculo maior é antes de tudo a significação paterna que vem contaminar a descoberta essencial, e que transforma o assassinato coletivo em *parricídio*, fornecendo assim os adversários psicanalíticos e a outros argumentos que permite desacreditar a tese. É a significação paterna que interfere na leitura da tragédia e é ela, uma vez mais, que impede que Freud resolva tão brilhantemente quanto poderia a questão das interdições do incesto (Girard, 1972, p. 309).

Freud tenta dar conta do nascimento do interdito através desta hipótese, no entanto o seu erro foi o mesmo cometido em o complexo de Édipo sobre o desejo autônomo do filho pela mãe, esta hipótese da horda selvagem já possui interdito quando o pai proíbe os filhos de

---

<sup>25</sup> Sobre o assassinato coletivo na teoria mimética “nada tem que ver com o cometido ‘pelos filhos’ da ‘horda primitiva’ revoltados contra seu ‘pai tirânico’. Meu assassinato é um fenômeno aleatório e anônimo que se produz entre duplos indiferenciados, um fenômeno que produz sentido, mas que não o exige. Se eu me permito falar de gênese da cultura, é porque a crise mimética apaga todas as significações que obstruem a tese de Freud antes do *assassinato coletivo* (Girard, 2011, p. 172).

terem acesso às mulheres, ou seja, novamente parte do diferenciado, o incesto já existe, é como falar do nascimento da cultura por estruturas culturais com diferenças já existentes<sup>26</sup>.

O outro problema desta interpretação na hipótese da horda selvagem é que levando em conta o complexo de Édipo o conflito só poderia existir se o pai tivesse no caminho do filho com relação ao desejo pela mãe, o desejo originário pela mãe é que leva ao confronto com o pai, e não ao contrário, e o pai aqui é apresentado como figura primeira que se explica pelo fato de que os filhos não poderiam desejar o desejo de objeto por alguém que só ocupa o lugar da mãe.

O pai não explica nada: para tudo explicar, é necessário livrar-se do pai, mostrar que a impressão formidável produzida sobre a comunidade pelo assassinato coletivo não depende da identidade da vítima, mas do fato desta vítima ser unificadora, da unanimidade reencontrada contra esta vítima e em torno dela. É a conjunção do *contra* e do em *torno* que explica as “contradições” do sagrado, e a necessidade sempre presente de matar novamente a vítima, embora ela seja divina, porque ela é divina. (Girard, 1972, p. 313).

Neste mesmo caminho Freud apresenta certo entendimento que os irmãos têm um com o outro a compreensão de que são irmãos, e este entendimento só poderia existir a partir da noção relacional com “aqueles que não são seus irmãos”. Em René Girard os irmãos são unidos pela violência em comum, enquanto em Freud já estão unidos antes mesmo do assassinato.

Podemos concluir com estas indagações que o interdito na interpretação de Freud está presente antes do assassinato e não podemos falar da origem dele por este viés<sup>27</sup>, enquanto para Girard o interdito provém do assassinato, com o objetivo de não permitir que a rivalidade mimética se propague gerando novamente perigos para a comunidade. Neste sentido o interdito<sup>28</sup> funciona para que as estruturas culturais diferenciadoras não sejam destruídas pela

---

<sup>26</sup> “Já podemos ver claramente como o interdito do incesto provém, no fim, de uma situação criada pela proibição do incesto, como se o interdito proviesse dele mesmo em uma circularidade problemática. Se o pai não tivesse interditado os filhos desde o início, desde a hipótese da horda, o esquema freudiano e seus argumentos não poderiam ser estabelecidos. A primeira objeção girardiana à antropologia psicanalítica é que ela parece sempre descobrir, finalmente, o que ela começou a estabelecer como primeiro axioma”. (Vinolo, 2012, p. 136).

<sup>27</sup>“(…) *Totem e Tabu*, que é sem dúvida, entre todas as obras modernas, aquele que passa mais perto da tese aqui desenvolvida, do mecanismo da vítima expiatória como fundamento de toda a ordem cultural. Descobrimos assim as possibilidades reais desta tese. Pudemos fazer justiça à intuição de Freud, apesar das dificuldades até aqui inextricáveis causadas pela imperfeição da hipótese freudiana” (Girard, 1979, p. 317).

<sup>28</sup>“As interdições não são nada além da própria violência, toda violência de uma crise anterior, literalmente congelada em que se produziu, muralha levantada em toda parte contra o retorno do que ela própria foi. [...] As interdições têm uma função primordial: preservam no coração das comunidades humanas, uma zona protegida, um mínimo de não-violência absolutamente indispensável às funções essenciais, à sobrevivência das crianças, à educação cultural, a tudo que constitui a humanidade do homem. Se existem interdições capazes de desempenhar este papel, elas não devem ser vistas como um benefício da Dama Natureza, esta providência do humanismo satisfeito, última herdeira das teologias otimista criadas pela decomposição do cristianismo histórico. O



rivalidade mimética e contagiosa do desejo.

Para renunciar completamente à ancoragem objetual do desejo, para admitir o infinito da *mimese* violenta, é preciso compreender, simultaneamente, que a falta de medida potencial desta violência pode e deve ser controlada no mecanismo da vítima expiatória. Não podemos postular a presença, no homem, de um desejo incompatível com a vida em sociedade, sem colocar igualmente, diante deste desejo, algo que possa controlá-lo. Para escapar definitivamente às ilusões do humanismo, uma única condição é necessária, mas justamente a única que o homem moderno recusa-se a preencher: o reconhecimento da dependência radical da humanidade em relação ao religioso. É bastante evidente que Freud não está disposto a preencher esta condição. Prisioneiro, como tantos outros, de um humanismo crepuscular, ele não tem a menor ideia da enorme revolução intelectual que anuncia e prepara. (Girard, 1972, p. 320).

Girard analisa de forma minuciosa a teoria de Freud até concluir sua crítica, o que nos interessou aqui é expor parte desse trabalho para que reflitamos com precisão sua teoria da violência fundadora, do desejo mimético que segundo Girard é o motor da nossa civilização. Em suma, a teoria mimética consegue explicar os processos originários da cultura, o sistema de significações que estabelece a diferença, os interditos e as repetições destes mesmos como meio de contenção da violência mimética.

## Referências

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. “O parricídio na obra de Freud”. In. *Cógitto*, Salvador, n. 12. p. 69 – 73, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792011000100014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792011000100014). Acesso em 24/04/2023.

CUNHA, Marcos Vinícius. *Freud: psicanálise e educação*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análises do Eu e outros textos*. (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu e outros trabalhos* [1913-1914]. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GIRARD, René. *Aquele por quem o escândalo vem*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2011.

---

mecanismo da vítima expiatória deve aparecer, daqui em diante, como essencialmente responsável pelo fato de que exista algo como a humanidade. Sabemos, a partir de agora, que na vida animal a violência é dotada de freios individuais. Os animais de uma mesma espécie nunca lutam até a morte; o vencedor poupa o vencido. A espécie humana é privada desta proteção. O mecanismo biológico individual é substituído pelo mecanismo coletivo e cultural da vítima expiatória. Não há sociedade sem religião porque sem religião nenhuma sociedade seria possível. (Girard, 1972, p. 323-324).

GIRARD, René. *La violence et le sacré*. Paris: Grasset, 1972.

GIRARD, René. *Des choses cachées depuis la fondation du monde*. Paris: Grasset, 1978.

GOLSAN, Richard J. *Mito e teoria mimética: introdução ao pensamento girardiano*. São Paulo: É Realizações, 2014.

VINOLO, Stéphane. *René Girard: do mimetismo a hominização*. Trad. Rosane Pereira e Bruna Beffart. São Paulo: É Realizações, 2012.

*Data de submissão: 23/05/2024*

*Data de aprovação: 25/07/2024*